

● ENTREVISTA

MARIA CATARINA NUNES
mnune@dnoticias.pt

Participou na palestra da Associação Juvenil de Medicina da Madeira para falar sobre Medicina Humanitária. O que destacou? Expliquei o que é a carreira dentro do que é a saída da medicina tradicional. As decisões a tomar para quem tem o sonho de exercer medicina humanitária. É uma conversa importante, mas não vocacionada para explicar o que são as missões. Muitas vezes o mais interessante é falar do que nos move.

Entrou para os Médicos Sem Fronteiras há 11 anos, a decisão surgiu numa férias. O que aconteceu? Tinha três ou quatro anos de experiência médica e em Moçambique vi pobreza extrema pela primeira vez. Ser médico e fingir que estas coisas não acontecem não fazia sentido para mim. O importante são os princípios, a paixão que nos move. Foi esse contacto com África profunda que me fez querer ser médico onde me parece mais necessário.

Em zonas de conflito. O que o moveu nessa altura foi, por um lado, o confronto com a pobreza extrema, e por outro, a paixão. Paixão por quê? Por ser médico, salvar vidas, ter uma interferência positiva na qualidade de vida das pessoas. Felizmente, à minha volta há quem faça o mesmo que eu, mas há sítios onde o conhecimento vale centenas de vidas. Não podia passar a vida toda sem dar o meu contributo. O que para nós é normal, noutros países tem uma escassez de conhecimentos que se reduz a vidas. É essa vontade de nivelar um pouco a felicidade pelo mundo fora.

O que o moveu na altura é o que o move agora, passadas 13 missões? Sim e não. Quando os sentimentos nascem são mais puros e livres, mais bonitos. Nem sempre é fácil manter essa forma genuína de sentir como na primeira vez. Faço um esforço para me manter coerente às emoções que me fizeram querer ir. Mas com o tempo, com as missões, ganhamos experiência e isso é bom e mau. Às vezes tira-nos utopia, mas acrescenta eficácia. Tenho reflexões mais maturadas sobre aquilo que deve ser a intervenção, quer como médico, quer na forma de tentar que as pessoas vejam estes mundos e façam também qualquer coisa. Mas quando os objectivos aumentam é mais fácil defraudarmos as expectativas. No papel de médico sentia mais simplicidade no meu ser humanitário e à medida que cresci, ganhei outras ambições. Às vezes fico um pouco frustrado.

Que ambições são essas? Que as pessoas vejam todos os seres humanos de uma forma igual. Para quem já viu o que vi, é difícil chegar a casa e ver desigualdade, a disparidade de equilíbrio, a desproporcionalidade emocional versus o acontecimento. É difícil para quem já esteve no extremo das maiores catástrofes humanitárias actuais, sentir que não são percebidas com a impor-

“A pandemia exponenciou o egoísmo”

Gustavo Carona, Médicos Sem Fronteiras



tância que deveriam ter. Conseguimos que passem ao nosso lado realidades gritantes com total incapacidade de reagir. É muito triste sentir que há uma distância tão grande, que não é de quilómetros, é emocional, entre o nosso mundo, o de ricos, e o mundo de pessoas que estão a sofrer o inimaginável e que raramente entram na nossa equação.

Porque é que isso acontece? O jornalismo é muito democrático, dá às pessoas o que elas querem ouvir e as pessoas não estão interessadas em sentir o sofrimento dos outros com frequência. Há um momento em que é notícia, um despoletar de uma guerra, mesmo que seja num sítio longínquo, mas a sua continuidade não é notícia e as pessoas, pela impotência, não empatia para com outras raças, religiões e línguas, afas-

tam-se. Se acontecesse uma guerra num país próximo, que nos sentíssemos identificados... Mas no Iémen, no Sudão do Sul, as pessoas pensam que é um planeta onde habitam seres humanos que não são iguais a nós. O jornalismo não fala mais sobre estes temas porque não vende. E quem diz o jornalismo, diz os políticos. Estas questões não interessam ao comum dos votantes. Enquanto as pessoas não sentirem que o seu poder - porque cada vez que escolhemos que canal queremos ver, que notícia queremos ler, estamos a fazer um 'statement' do que é importante - as coisas não vão ser mostradas. Mas tem melhorado e há mais vontade de saber, há 20 anos nem sabíamos o que estava a acontecer.

Tem um site onde conta histórias das

missões, escreveu livros. É uma forma de alertar ou de libertar emoções? É uma mistura. O objectivo principal é aproximar os mundos, que as pessoas vejam pelos meus olhos, sintam pelo meu coração. Mas também é libertador. Não é fácil falar de emoções, é mais fácil escrever. Acho que estou a representar bem a causa e as pessoas que me passaram pelas mãos.

Regressar é tão importante como partir? A transição de mundos. Vir de um sítio onde as crianças não têm que comer, calçar, usam a mesma t-shirt dias seguidos e podem morrer pela falta de um simples antibiótico... E depois entrar no nosso luxo, em que se discute o tamanho da televisão e a marca da roupa, é angustiante. Não é fácil mudar o 'chip'. Tento não ser julgador e tam-

bém me confronto com as minhas incoerências. Esta transição de planetas faz confusão. Mesmo em termos profissionais é difícil aceitar que perco a vida de uma criança porque me falta um medicamento, uma transfusão, e depois percebo a exorbitância de dinheiro que se gasta, às vezes, a tentar salvar alguém com um prazo de validade, do ponto de vista científico, previsivelmente curto. Temos um sistema de saúde que permite gastar milhares de euros numa vida com um fim previsível. Custa perceber o valor das vidas num lado e noutro.

Escreveu sobre uma criança, em Mossul, Iraque, que ficou na enfermaria convosco. Não falava, não tinha reacção. Quer dizer deste caso? Foi a missão mais intensa, do ponto de vista emocional, que já vivi. Essa